

O NOVO BANCO DE FOMENTO



Economia Real

Luís Mira Amaral

competitividade2@sapo.pt

O Banco de Fomento existiu em Portugal como banco de desenvolvimento numa altura em que a banca comercial apenas fazia crédito de curto prazo, financiando o Fomento o investimento a médio longo prazo. Tinha à sua disposição linhas de crédito de instituições como o KfW e o Banco Mundial que repassava para as nossas PME e empresas industriais. Eu próprio, como quadro do Banco de Fomento nos anos 70 do século passado, ao serviço da promoção industrial (atual *marketing* de empresas) visitava a nossa indústria a vender essas linhas de crédito.

Depois, os bancos comerciais também passaram a fazer crédito de médio e longo prazo ao investimento. Em minha opinião, o Fomento poderia ter sido integrado na CGD, dando a esta as componentes da banca de empresa e de *corporate finance* da banca de investimentos que na altura a CGD não tinha.

Como sabemos, o Banco de Fomento foi vendido ao grupo BPL, transformando-se num banco comercial.

Ao chegar ao Ministério da Indústria e ao ver-me com a necessidade de ter uma agên-

cia financeira para gerir o PEDIP e os fundos comunitários, transformei, com a compreensão do então ministro das Finanças Miguel Cadilhe, o IAPMEI nessa agência. Fiz então o programa de engenharia financeira do PEDIP, com capital de risco e o sistema de garantia mútua hoje ainda utilíssimo para financiar as PME através das linhas PME Investimento e PME Crescimento. Inspirando-me na experiência do fundo EFTA gerido pelo Banco de Fomento lancei o Fundo de Desenvolvimento Económico alimentado pelos reembolsos de subsídios reembol-

O que talvez valha a pena fazer é criar uma agência financeira (e não um banco) com mais músculo e mais flexibilidade para fazer o que o IFAP e o IAPMEI hoje fazem na gestão dos fundos

sáveis (empréstimos à taxa zero) que eu criei no PEDIP II pois nunca gostei dos subsídios a fundo perdido.

Estava criado o quadro que, em colaboração e parceria com a banca comercial, tem funcionado até agora na gestão dos fundos comunitários.

Neste contexto, não percebo porque é que o Estado há de fazer um novo banco de fomento. Se acha que necessita de um banco público tem a CGD, a qual já tem as competências nos gabinetes de empresas e na Caixa Banco de Investimento para aprofundar o apoio às PME e à indústria. Se quer criar novos instrumentos de apoio às PME, reconhecendo as suas dificuldades no acesso ao crédito e os elevados *spreads* dos mesmos, poderá fazê-lo em parceria com a banca comercial que já tem mostrado essas competências nas linhas PME do Sistema de Garantia Mútua. As linhas do BEI também estão à disposição de todos os bancos.

Por outro lado, o Estado já criou a SOFID — European Development Financial Institution, integrada na rede europeia das EDFI para fazer o que no meu tempo o Banco de Fomento fazia como EDFI portuguesa no apoio a projetos empresariais designadamente em África e no espaço lusófono.

Então o que talvez valha a pena fazer é criar uma agência financeira (e não um banco) com mais músculo e com mais flexibilidade para fazer o que o IFAP e o IAPMEI hoje fazem na gestão dos fundos comunitários.